



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DE SANTA
RITA

O SECULO

O PRINCIPE ENCANTADO

Por EMILIA BRANCA SERRA
Desenhos de A. CASTANÉ



ERA uma vez uma gentil moleirinha de dezoito primaveras, que vivia no alto duma serra, num moínho muito caído e alegre. Sua mãe morrera-lhe quando contava, apenas, dez anos. A moleira sómente lhe restava uma pessoa de família:— seu pai, um pobre

velho de cabelos grisalhos e já com o rôsto muito enrugado. As suas barbas de arminho, mal cuidadas, caíam-lhe sobre a grossa camisola de lã, que sua filha — a donairoza moleirinha — lhe fizera.

Um dia o moleiro disse a Joana — assim se chamava a filha:

— Filha, leva-me esta farinha à vila, a casa da tí' Rosa.

A rapariga obedeceu prontamente, pondo-se logo a caminho.

Porém, ao chegar à vila, um pobrezinho andrajosamente vestido e quasi a morrer de fome, pediu-lhe esmola. Joana hesitou um momento mas deu-lhe um saco, no qual se continha toda a farinha que levava, murmurando depois: — Pobre velhinho! «Dai de comer a quem tem fome», diz o ditado e eis o que fiz.

A rapariga retrocedeu para casa, já se vê, mas cogitando no que havia de dizer ao pai e com grande e justificado receio que ele lhe ralhasse. De repente, não tendo coragem para avançar mais, sentou-se no chão e pôs-se a chorar. Não passava por ali ninguém, podendo desabafar á sua vontade.

Nisto, ouviu-se um ruído de ramos de árvores, próximo do sitio onde estava Joana, a qual voltando o rôsto, viu sair de junto duma árvore um anãozinho, todo vestido de azul. A nossa protagonista no-

tuou, com espanto, que o monstrozinho tinha, também, barbas aziús.

— Porque choras?! — perguntou êle.

Joana contou-lhe o que havia feito. O anão, disse-lhe, então:

— Fizeste uma boa acção! Vou dar-te outro saco de farinha, mas com a condição de me fazeres, depois, tudo o que eu te peça.

— Faço! — respondeu a rapariga, sorrindo.

Imediatamente o anãozinho tocou no chão com uma varinha, de que era portador, aparecendo logo ali um saco de farinha.

— Bom, (disse êle.) agora vai acolá! — Dizendo





isto, o anão apontou para uma pedra que se avis-tava próximo da mesma árvore donde a moleira o tinha visto surgir. — Debaixo daquela pedra tira um anel de brilhantes que lá deve estar.

Joana logo se dirigiu á pedra indicada e, levantando-a, avistou, efectivamente, um lindíssimo anel de brilhantes que, só de olhar para elle, parecia cegar-lhe a vista. Acto contínuo, Joana, apanhou-o e, dirigindo-se para junto do anãozinho, entregou-lho.

Mal a moleirinha lhe entregou o anel, o anão meteu-o no dêdo, transformando-se logo num príncipe muito bello, de cabelos louros e fato côr de ouro.

— Olha—(contou elle)—quando me baptisaram, uma fada vestida de azul, deu-me o condão de estar aqui desde êsse dia até aos vinte anos, transformado em anão, e disse-me que a primeira morena que aqui passasse é que me desencantaria, indo buscar o anel que ela me deu e colocou sob aquella pedra. Ontem fiz vinte anos e foste tu a pri-

meira morena que me viu ; portanto, foste tu quem me desencantou.

Nisto, o príncipe beijando, respeitosamente, a frente de Joana, disse-lhe:

— Tu serás a minha noiva e virás depressa para o meu palácio para nos casarmos o mais depressa possível.

A Joana parecia-lhe tudo isto um sonho ! Ela, uma triste moleirinha, tornar-se numa princesa !...

— Pois sim, disse ella, assim seja; mas, primeiramente, temos de obter o consentimento de meu velho e bondoso pai.

Logo ambos se dirigiram para o moínho e, tendo obtido o consentimento do moleiro, a quem o príncipe rogou que fôsse viver na companhia dêles, encaminharam-se todos para o palácio do príncipe, tendo o velho moleiro ficado louco de alegria com a felicidade de sua filha.

Durante um mês realizaram-se grandes festas no palácio e dêste feliz consórcio nasceram muitos príncipes e princezinhas, que fizeram a alegria e o enlévo de seus pais e avós.

F I M

CORRESPONDENCIA

Wanda — O seu conto, que revela magnificas qualidades literárias, é, contudo, impubbicável no nosso suplemento por não ser de índole infantil.

Carlos Rodrigues Silva — Manda os teus trabalhos que talvez sejam publicados.

Maria Aida — No próximo número será publicado um

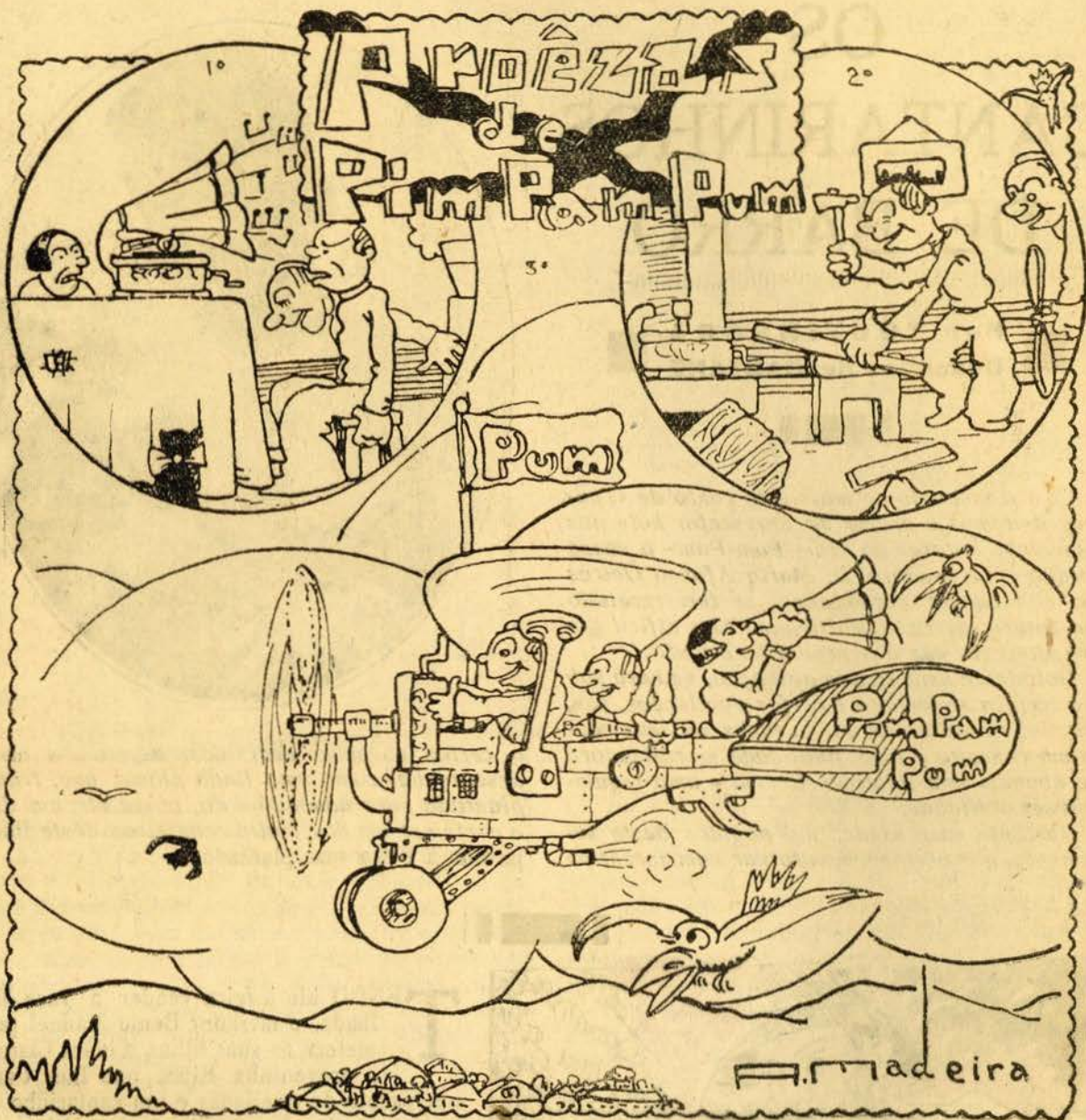
dos seus contos. Estimariamos publicar o seu retrato na galeria dos nossos melhores colaboradores e aguardamos novas produções.

Joaquim M. Gaspar. Manda outro desenho que não seja adivinha. Desenha muito bem; aos dez anos não pode exigir-se mais

Milas — A tua historieta é muito triste. Escreve outra mais apropriada ao «Pim Pam Pum».

Maria Júlia Queluz: — Os versos serão publicados no próximo número. Gostariamos de publicar o prometido retrato, o qual, para sair juntamente, teria de ser recebido até sexta feira, o mais tardar.

P.P.P!
Pim Pam Pum!



PROEZAS DE PIM, PAM, PUM

Por **ARCINDO MADEIRA**

O pai dos nossos heróis Pim, Pam e Pum havia-lhes feito presente dum gramofone de marca «Bera».

Nos primeiros dias os pequenos não se cançavam de o ouvir mas, passado pouco tempo, aquela charanga aborrecia-os tanto que até lhes causava sôno.

O endiabrado Pum, que, como os leito-

res já sabem, é todo cheio de idéas, disse um dia aos manos:

—«Vocês vão ver como eu, com esta bodega, vou fazer um aeroplano todo catita!...» E... deitou mãos á obra. Durante todo o dia fartou-se de martelar:—

(Continúa na página 6)

OS CANTARINHOS DE BARRO

Por TOUTINEGRA
Desenhos de CASTANÉ

Com a inserção de mais este conto de «Toutinegra» temos o prazer de apresentar hoje aos pequeninos leitores do «Pim-Pam-Pum» a nossa assídua colaboradora D. Maria Afonso Oeiras que, sob aquele pseudónimo, se tem revelado uma futura escritora, cultivando este difícil género literário que é a produção infantil.

Dotada de uma rica imaginação, embora sob uma técnica imperfeita e certas vacilações, faz, contudo, ressaltar de quasi todos os seus contos um conceito e uma finalidade moralizadora que abonam uma inteligência viva e uma requintada sensibilidade.

Bastante nova ainda, nas páginas deste suplemento, que pretendemos tornar num incentivo



a certas vocações decididas, esperamos vê-la desabrochar como uma linda planta que, transplantada para adubado solo, possa vir, um dia, a perfumar um dos muitos canteiros deste lindo jardim à beira mar plantado...



TENDO ido à feira vender a vaca Malhada, o lavrador Bento Manuel prometera às suas filhas, a loura Clara e a moreninha Elisa, que lhes traria um pacote de queijadas e um cantarinho de barro para cada uma, oferta que há muito ambicionavam.

Por este motivo era ansiosamente esperado pelas duas garotas.

O sol escondia-se por detrás dum verde Outeiro, quando surgiu, numa curva da estrada, a égua do Ti'Bento com os seus alforjes novinhos, caminhando ligeira.

Clara e Elisa bateram as palmas, de alegria, correndo ao encontro do pai e chegando cançadas por quererem acompanhar o passo da égua. Dos alforjes surgiu, então, um garrido saco, que, desatado com menos pressa do que as garotas queriam, deixou ver um pacote de queijadas embrulhadas num papel vermelho e os dois cantarinhos lindos e bem feitinhos que era mesmo um encanto. Eram perfeitamente iguais. Cada uma recebeu o seu e um pacote de queijadas, com que abalaram correndo, indo encher à fonte, mais próxima, as cantarinhas novas.

Os dias que se seguiram foi o entreteni-



mento predilecto das duas irmãs que assim auxiliavam a mãe acarretando-lhe a água.

Ao terceiro dia, o sol queimava ardentemente. Clara e Elisa ao virem da fonte, encontraram no caminho um velhinho que lhes pediu uma pouca de água pois ardia em sede e ainda era distante a fonte para as suas pernas já cansadas, por terem andado tanto, toda a vida. Elisa, franzindo o sobrolho, seguiu o seu caminho sem, sequer, responder ao pobre velhinho, enquanto Clara, sem vacilar, lhe chegou o seu cantarinho, pelo qual ele bebeu sôfregamente. Quando voltou a enchê-lo, o velho, agradecendo-lhe, pediu a Deus para ela muita ventura.

Clara, a caminho de casa, encontrou Elisa chorando aflitivamente e, um pouco à frente, partido, jazia o lindo cantarinho. Clara, então, disse-lhe: — Foi castigo, Elisa! Fôste má, não quizeste dar água ao velhinho... Elisa não respondeu e, mal humorada, seguiu com ela para casa.

Ao outro dia, de manhã, Clara, levantando-se, correu ao poial onde deixara o cantarinho, mas este já lá não estava. Preguntou por ele à mãe, a boa senhora Maria Rosa, que lhe respondeu não o haver visto. Foi depois perguntar à irmã que, corando, lhe objectou não lhe haver tocado. Clara calou-se, mas viu bem que havia sido a irmã quem lho tirara.

A' noite, quando o pai regressou do trabalho, sentando-se a ceiar, perguntou às filhas pelos cantarinhos. Elas, corando, não responderam. O pai insistiu.

Então, Elisa, com os olhos baixos, e tremendo-lhe a voz, disse: — Fui eu, meu pai, quem partiu os dois...

— Desastrada (disse-lhe este) não te contentaste em partir só o teu, inda partiste o da tua irmã! Pois deixa estar que hei-de comprar outro para ela e para ti não!

Clara não pode mais; o pranto, que a custo

Concurso

≡ de ≡

Pantomimas



O
menino

Manoel Coelho Alcântara
(do Funchal)

um dos classificados
no nosso Concurso



continha desde o princípio, rompeu num sentido choro. Elisa, então, levantou-se; foi buscar o cântaro de Clara e, entregando-lho, confessou, também chorando, todas as suas maldades desde que negara água ao velhinho até que levada pela inveja, escondera o cântaro à irmã para que ela o não tivesse também.

Os pais ralharam-lhe muito mas, a pedido de Clara, compraram-lhe outro cantarinho. Elisa prometeu não mais ser má e continuam indo buscar água, que Elisa não mais negará a pessoa alguma.

FIM

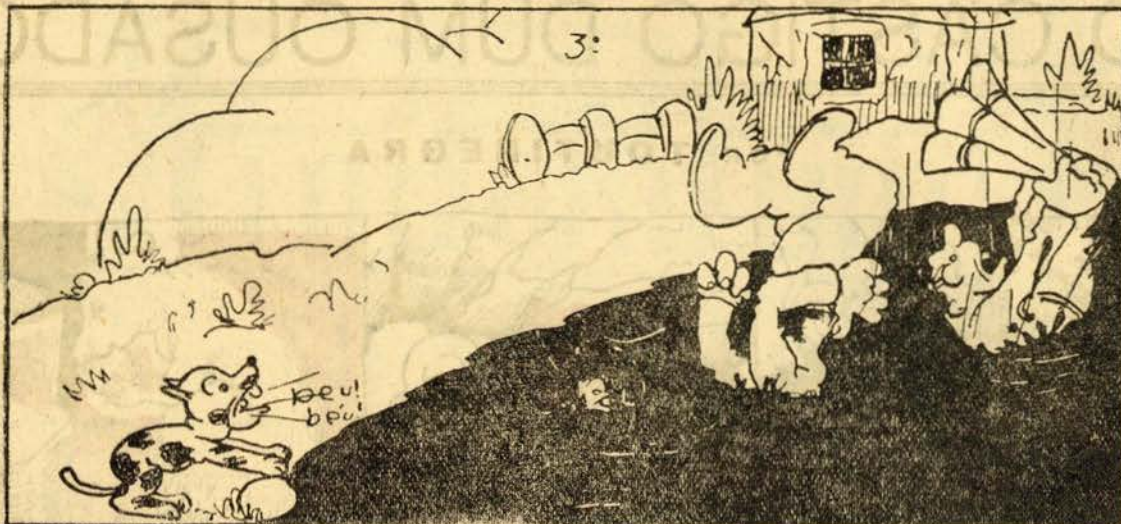


Pam! Catapam!... Pum!... Pim, pim! Emfim, um barulho infernal.

O certo é que, no dia seguinte, apresentou, aos olhos espantados dos irmãos, o

aparelho pronto. O gramofone servia de motor. O disco de ferro havia sido substituído por uma hélice que girava vertiginosamente.

— «Agora, vamos experimentá-lo!...»



exclamou o nosso Pum, radiante, dando putos e batendo as palmas.

— «Vamos, vamos!» disseram ao mesmo tempo o Pim e a Pam.

Dito e feito. Escarrancharam-se sobre o aparelho e... z-z-z-z-z... z-z-z...! Ena, que bonito:—z-z-z-z-z!...

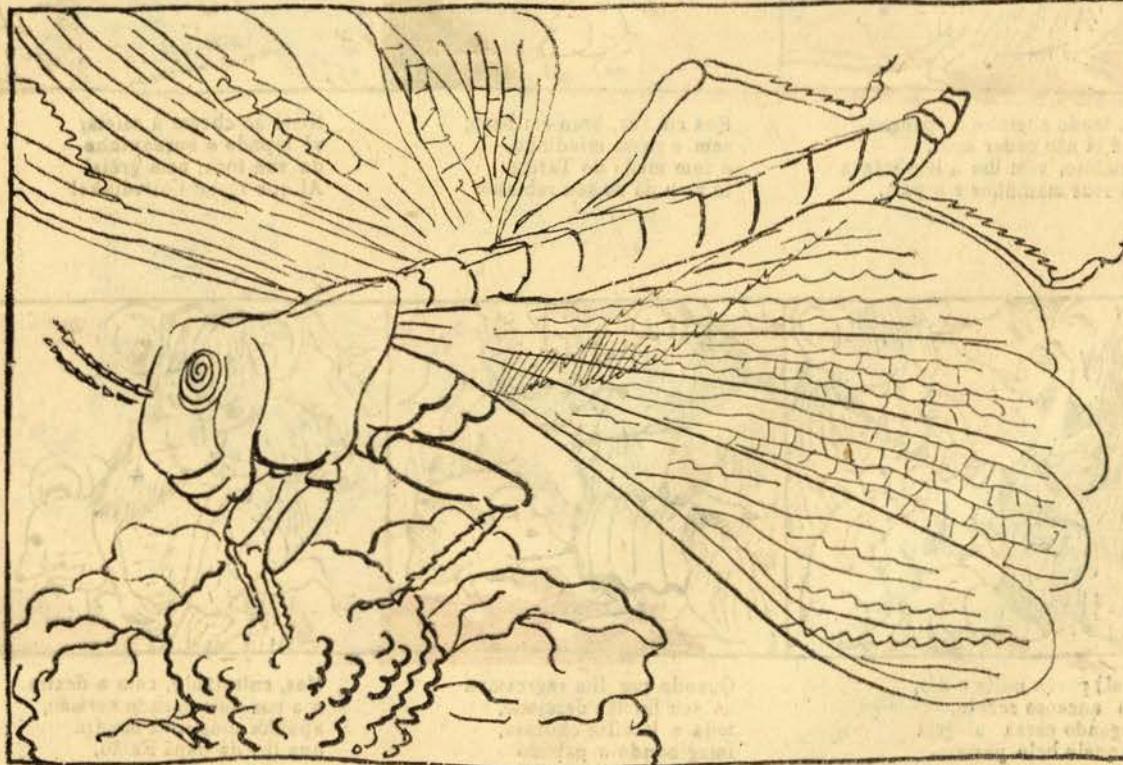
Pim, Pam e Pum lá seguiam, muito contentes:—z-z-z-z-z!... que até sentiam «ganas» de fazer um «raid» ao Brasil. Aquilo era a maior das delícias!

Mas, de repente:— Tac-tac... zás! parte-se a corda do gramofone e o aparelho, com os três miúdos vem de cangalhas por ali a baixo...

— «Estamos servidos!...» murmurou o Pim. Ai, ai, ai!!! Acudam, socorro!!!... Por baixo deles havia um charco de lodo, pestilento e negro, onde os três mergulharam desastrosamente.

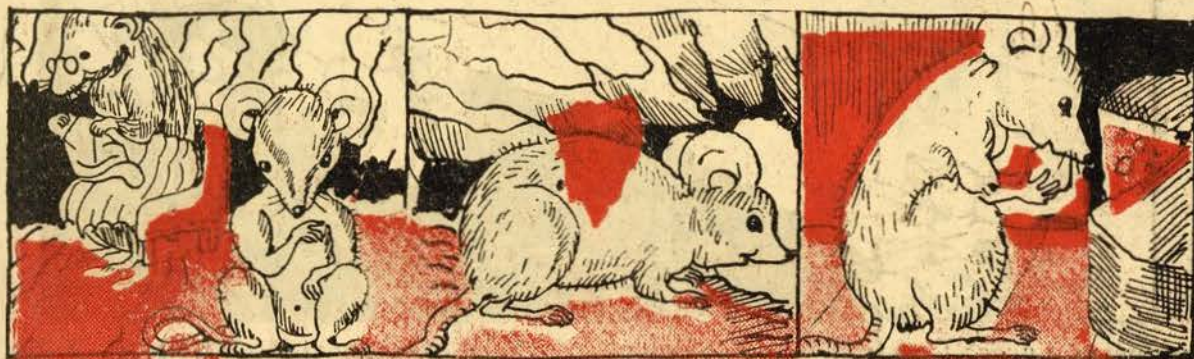
(Continua no próximo número)

PARA OS MENINOS COLORIREM



O CASTIGO DUM OUSADO

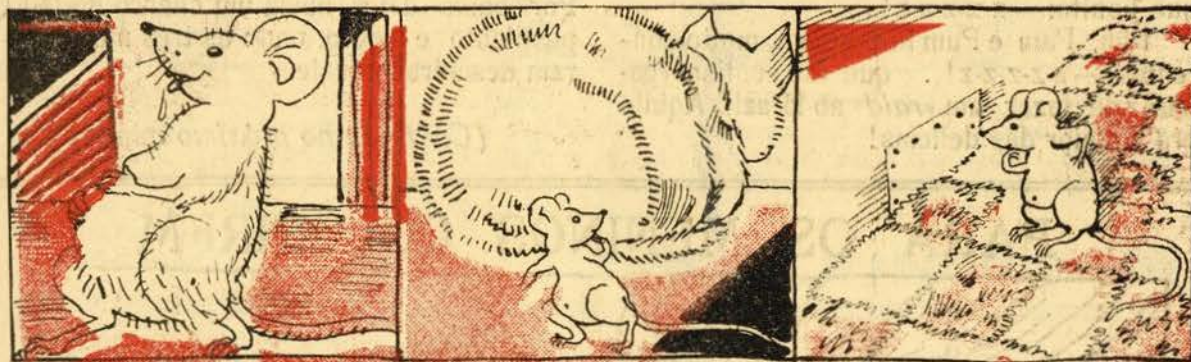
POR TOUTINEGRA



Um filho de Dona Rata,
o mais novo ou o do meio,
longe da mãe, dando à pata,
decidiu-se a um bom passeio.

Espreitou a um buraquinho...
Não vendo lá o Tareco,
com um passo miudinho,
lá foi dando ao seu rabeco.

Aproveitando um ensejo
de penetrar na despensa,
começou a papar queijo
sem mesmo pedir licença,



E, tendo cheinha a «pança»
até já não poder mais,
saudoso, vêm-lhe à lembrança
os seus maninhos e o pais.

Rua em rua, beco em beco,
sem o passo miudinho,
e com medo do Tareco,
já nem dá ao seu rabinho.

Nisto ao chegar à saleta,
vê tapado o buraquinho
da sua toca; nem grêta!
Ai que susto! Coitadinho!



E ali passa noite e dia,
em ancooso receio,
pagando caraa alegria
daquele belo passeio.

Quando por fim regressava
ao seu lar tão desejado,
toda a família chorava,
imaginando-o papado

Mas, entretanto, com a dextra,
e a par dum grande sermão,
apanha uma sova mestra
que lhe dá papá Ratão.